Fábio Henrique Nunes Medeiros
Maurício Biscaia Veiga
Taiza Mara Rauen Moraes
(Organizadores)

Sobre tudo em Educação

Uns passarão e outros passarinhos

Digitalizado com CamScanner

Campus Joinville
Rua Paulo Malschitzki, 10
Campus Universitário
Zona Industrial
CEP 89219-710 – Joinville/SC
Tel.: (47) 3461-9000
Fax: (47) 3473-0131
e-mail: univille@univille.br

Unidade Centro – Joinville
Rua Ministro Calógeras, 437 – Centro
CEP 89202-207 – Joinville/SC
Tel.: (47) 3422-3021

Campus São Bento do Sul
Rua Norberto Eduardo Weihermann, 230
Bairro Colonial – Cx. Postal 41
CEP 89288-385 – São Bento do Sul/SC
Tel./Fax: (47) 3631-9100
e-mail: secsbs@univille.br

Unidade São Francisco do Sul
Rodovia Duque de Caxias, 6.365 – km 8
Bairro Iperoba – CEP 89240-000
São Francisco do Sul/SC
Tel.: (47) 3471-3800
e-mail: univille.sfs@univille.br

www.univille.br

Editora Associada
ABEU
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

ISBN 978-85-8209-046-6

Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da Univille

C759 Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos / organizadores Fábio Henrique Nunes Medeiros, Maurício Biscaia Veiga, Taiza Mara Rauen Moraes – Joinville, SC : Editora Univille, 2015.

295 p.

1. Contação de histórias. 2. Incentivo à leitura. 3. Programa Nacional de Incentivo à Leitura - Joinville . I. Medeiros, Fábio Henrique Nunes (org.). II. Veiga, Maurício Biscaia (org.). III. Moraes, Taiza Mara Rauen (org.).

CDD 372.4

Todas as informações contidas nesta obra são de total responsabilidade dos autores.
Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à EDITORA UNIVILLE
e-mail: editora@univille.br

Digitalizado com CamScanner

Sumário

Apresentação 7
Taiza Mara Rauen Moraes

Introdução 11
Fábio Henrique Nunes Medeiros

Homenagem a Manoel de Barros 19

L'arbre à palabres de griot 23
Toumani Kouyaté

Da interface às interações entre oralidade e leitura 41
Eliana Yunes

Chegando assim... para contar uma chegada com uma "chamada" 50
Francisco Gregório Filho

Câmara Cascudo, contador de histórias: a oralidade reconstruída 57
Humberto Hermenegildo de Araújo

Anotações em torno de uma literatura já dita, mas também ainda por dizer 68
Roselete Fagundes de Aviz

Voz, corpo e memória do contador de histórias 79
Ângela Finardi

Nos braços de um acalanto, nosso primeiro livro 87
José Mauro Brant

Sobre histórias de boca, politicamente correto e literatura infantil 97
Ilan Brenman

Teatro de mamulengo, um folguedo que conta histórias 108
Valdeck de Garanhuns

Digitalizado com CamScanner

Contar histórias e tradição indígena 116
Daniel Munduruku

Rodas de histórias nas cidades: uma poética compartilhada 130
Gilka Girardello

Empatia e cultura de paz na arte de contar histórias 138
Fábio Lisboa

Contar histórias: as poéticas de um narrador 150
Celso Sisto

Um tempo para a oralidade no conto de autor 156
Benita Prieto

Uma coisa puxa a outra e a poética dos contadores de histórias 163
Gislayne Avelar Matos

História da arte e/ou a arte de contar histórias 170
Maurício Biscaia Veiga

A formação do contador de histórias 184
Ângela Barcellos Café

Quais práticas e quais sentidos? Narrativas e reflexões sobre a prática dos contadores de histórias 201
Simone Ribeiro B. André

A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais 220
Paulo Santos da Silva / Taiza Mara Rauen Moraes

As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon 236
Carolina Reichert / Sônia Regina Biscaia Veiga

Memorial do Proler Joinville – síntese histórica 247
Taiza Mara Rauen Moraes

Iraê (Alma de Pássaro) 268
Humberto Soares

Digitalizado com CamScanner

Chegando assim... para contar uma chegada com uma "chamada"

Francisco Gregório Filho[1]

"Ô, arara
Ô, ararinha
Quanto mais eu canto, arara,
mais arara é bonitinha!"



Caricatura – Maurício Garcia

Ô, *arara* é um canto de chamada de povos que habitam a Amazônia brasileira. Os extrativistas, os seringueiros, os castanheiros, mulheres e homens, saem na madrugada para a coleta, e saem cantando, chamando a beleza, a estética, a poesia para um abençoado dia de trabalho e de vida.

Assim, vou chegar aqui com vocês cantando essa "chamada".

Peço um consentimento.

COM-SENTIMENTO.

Meu avô dizia:

– Meu neto, quando você chegar a um espaço bonito, com pessoas bonitas, peça sempre consentimento para adentrá-lo. Peça licença, permissão para se achegar ao lado dos corações.

O tema de hoje é memória. E nós estamos produzindo memória, sentido de pertencimento e inclusão, apurando a escuta, pluralizando os olhares. Nós, juntos, durante estes dias, estamos

[1] Escritor e contador de histórias, desenvolve oficinas sobre práticas leitoras e formação de contadores de histórias. Foi o primeiro coordenador do Proler Nacional.

Digitalizado com CamScanner

produzindo acervo. Há ali um companheiro equipado, registrando e documentando o encontro. Isso é memória. Passa a ser documento e registro. É memória. Somos, enfim, produtores de memória. Os narradores e os contadores de histórias são produtores de memória, em diferentes épocas e contextos. Promovem a circulação, o intercâmbio de acervo.

Pois então, após 20 anos, chego de novo a Joinville, Santa Catarina, para a festa de comemoração do Proler, organizada como o Encontro dos Encontros. Reencontrar os amigos narradores e promotores de leitura e um auditório lotado de educadores leitores e mediadores de leitura, diversidade de vozes e saberes, certamente me proporciona imensa alegria.

Desenvolvo oficinas de formação de contadores de histórias e de práticas leitoras há mais de 20 anos, em diversos espaços para diferentes públicos. Nesse período testemunhei e continuo testemunhando o crescimento do interesse do grande público em todo o Brasil pelas sessões de contação de histórias. Observo que a mobilização pela busca de profissionais contadores de histórias tem se dado no sentido do desenvolvimento do gosto pela leitura e mais profundamente pela literatura. Nós, da equipe de organização do Proler, no período entre 1991 e 1996, acreditávamos e apostávamos nisso. Assim, percorremos as diferentes regiões do país promovendo essa "boa-nova".

Boa-nova porque explicitávamos nossas premissas que priorizavam o contar histórias, esse conhecimento tão antigo, que acompanha a evolução das sociedades no mundo inteiro. A recepção e o acolhimento de nossas ideias e práticas foram animadores. Claro, a exceção também existia, com a discordância de alguns, mas o tempo vem mostrando a eficiência das ações que privilegiam as narrativas como ferramentas importantes na formação de novos leitores.

Em Joinville, o início também foi assim, há 20 anos. Em 1993, Taiza me convidou para vir até aqui, e saímos em visita a alguns setores da sociedade local anunciando que havia um novo programa de leitura, que queríamos implantá-lo também nessa cidade. Muitas pessoas achavam que, quando falávamos em leitura, estávamos falando de alfabetização. As indagações e as desconfianças eram frequentes. Taiza, então, pacientemente explicava o que era o programa e contava histórias para conquistar as pessoas e poder, assim, constituir o primeiro comitê do Proler na cidade.

Digitalizado com CamScanner

E hoje estamos nos reunindo novamente, no Encontro dos Encontros, para celebrar. É um encontro com os materiais de leitura, com a oralidade, textos, livros, narrativas...

Nas minhas andanças, costumo trabalhar com o conceito de *oratura*, ou seja, a junção de oralidade + escritura. Trata-se de uma palavra que já vem sendo estudada e pesquisada na academia. E pode-se dizer que a *oratura* tem uma presença marcante e contundente na formação das novas gerações de leitores. Leitores que estavam desistindo dos textos retornam, então, com mais paixão.

Eu não tive professores contadores de histórias. Infelizmente, na minha trajetória escolar, eu não tive essa sorte, ausência da qual padeço até hoje. Porém tive a sorte de ter tido avós que eram contadores de histórias. E é uma grande alegria, hoje, poder ver professores e educadores envolvidos com a contação de histórias, incentivando e compartilhando histórias. Atualmente a leitura, o Proler, a contação de histórias e as diversas práticas leitoras são festejados como pertinentes e urgentes nas iniciativas de desenvolvimento de uma sociedade leitora. Trajetória de muitas conquistas e, claro, muitos obstáculos a serem ainda vencidos.

Contação – contar a ação – ação dramática, humana e complexa.

Eu, narrador = aquele que narra a dor – dor de todos nós, em todos os segmentos, tempos e geografia –, mas que inclui também as alegrias, as vitórias e os fracassos de mulheres e homens.

Minha avó certa vez me falou:

– Meu neto, as mulheres são inteligentes, bonitas, valentes, solidárias. As mulheres, quando reúnem todas as virtudes, são despudoradas.

E eu fiquei com essa imagem das mulheres bonitas, valentes e despudoradas. Um dia, quando fui à escola, a diretora resolveu receber os alunos no portão. Ela abraçava e dava um beijo em cada aluno que chegava. Vendo aquela mulher bonita e simpática nos recebendo no portão, eu não aguentei e lhe disse:

– Professora, a senhora é muito despudorada.

Ela, então, me encaminhou até a biblioteca para que eu aprendesse o significado da palavra despudorada. Abrimos o dicionário e vimos o significado. Confesso que preferi ficar com o sentido de minha avó. Porém, de toda forma, foi uma importante experiência que me encaminhou para o universo das palavras. Paulo Freire dizia que a palavra precisa estar

Digitalizado com CamScanner

grávida, grávida de sentidos, para além dos significados. Estes podemos encontrar nos dicionários. No entanto os sentidos somos nós, leitores, que produzimos para as palavras.

Um estudo identificou que um brasileiro não escolarizado atravessa sua vida com uma média de 800 palavras, enquanto brasileiros escolarizados, que somos nós, vivem, em média, com 3 mil palavras. Se pensarmos somente nos significados, os dicionários da língua portuguesa têm um volume próximo de 800 mil palavras. Segundo Paulo Freire, cada palavra descortina um mundo novo. Então, se vivemos com apenas uma média de 3 mil palavras, quantas palavras podemos ainda descortinar?

Sempre foi objetivo do Proler proporcionar esse encontro com as palavras e com a leitura em todos os ambientes. Queria contar sobre a dona Silvina, uma lavadeira analfabeta que, com mais de 80 anos de idade, era uma liderança na promoção da leitura na cidade de Itapetinga, interior da Bahia. Mesmo não tendo se alfabetizado, ela era uma promotora e incentivadora da leitura em vários ambientes. Claro, ela também foi alfabetizada. Este era, então, o ideal do Proler: desconfinar a leitura dos bancos escolares, desescolarizar a leitura. Desescolarizar não no sentido de retirar da escola, e sim de expandir para além dela, ou seja, fazer uma extensão da escola e da universidade para as ruas, para a comunidade, para os trabalhadores.

Laurinda

Oh, Laurinda linda, linda
Oh, Laurinda linda, linda
És mais linda do que o sol
Deixa-me dormir uma noite
Nas dobras do teu lençol

Hoje sim, cavaleiro, sim
Hoje sim, cavaleiro, sim
Hoje sim, amanhã não
Meu marido não está cá
Foi pra feira do Gravão

Digitalizado com CamScanner

Onze horas, meia-noite
Onze horas, meia-noite
Marido à porta bateu
Bateu uma, bateu duas
Laurinda não respondeu

Ou ela está doentinha
Ou ela está doentinha
Ou já tem um outro amor
Ou então procura a chave
Lá no meio do corredor
De quem é aquele chapéu?
De quem é aquele chapéu?
Debruado a galão?
É para ti, meu marido
Que fiz eu por minha mão

De quem é aquele casaco?
De quem é aquele casaco?
Que ali vejo pendurado?
É para ti, meu marido
Que o trazes bem ganhado

De quem é aquele cavalo?
De quem é aquele cavalo?
Que na minha esquadra entrou?
É para ti, meu marido
Foi teu pai quem te mandou

De quem é aquele suspiro?
De quem é aquele suspiro?
Que ao meu leito se atirou?
Laurinda, que aquilo ouvia
Caiu no chão e desmaiou

Digitalizado com CamScanner

Oh, Laurinda linda, linda
Oh, Laurinda linda, linda
Não vale a pena desmaiar
Todo amor que eu te tinha
Vai agora se acabar

Vai buscar as tuas irmãs
Vai buscar as tuas irmãs
Trá-las todas num andor
A mais linda delas todas
Há de ser o meu amor

Minha avó costumava cantar tal cantiga. Lembro bem dela cantando, isso lá por volta de 1950. Ela cantava para a criançada, e eu a guardei de cor, de coração. Eu, então, sempre cantava *Laurinda*, mas fui ficando curioso para saber que história era essa e de onde ela vinha. Sabia apenas que minha avó contava, mas de onde, afinal, ela tirou a história?

Quando fui trabalhar na Biblioteca Nacional, comecei a pesquisar, e durante dez anos pesquisei sem encontrar qualquer pista. Certa vez, fui contar histórias em Lisboa e, numa das sessões, contei *Laurinda*, e disse que minha avó contava mas que eu não sabia identificar a origem da história. Uma senhora na plateia disse: "Minha avó também contava essa história lá na minha terra". Eu fiquei contente. Perguntei a ela se sabia da origem, porém ela disse que a única coisa que sabia era que sua avó contava.

Em outra sessão em que contei novamente *Laurinda*, havia uma bibliotecária que se dispôs a me ajudar a pesquisar. Aceitei imediatamente, e passamos dias pesquisando. Conseguimos, enfim, localizar um registro. A cantiga data do século VIII. E nós questionamos como isso poderia ser, já que no século VIII a língua portuguesa sequer havia se configurado, pois ela só iria tomar forma lá por volta dos séculos XI e XII. No século VIII, a língua falada no norte da península ibérica era o galaico. Enfim, a história da Laurinda tem mais de 1.200 anos. Ela atravessou a península, atravessou o oceano e veio parar na Amazônia. E lá em Rio Branco, no Acre, minha avó a contava. E hoje, no século XXI, nós brincamos aqui com

Digitalizado com CamScanner

essa história. O narrador/contador de histórias faz essa ligação entre os tempos. A cantiga se encontra no meu livro *Ler e contar – contar e ler.*

> Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformamos, acrescentamos parte de nossa própria "herança" e vamos construindo nosso jeito de nos olhar e de olhar o mundo. Produzindo saber, saberes, comprometidos com nossa época e lugar (GREGÓRIO FILHO, 2011, p. 93).

> É preciso sair, ir a museus, centros culturais, casas de cultura, entre outros. Esses espaços contêm histórias. Nesses lugares as narrativas escorrem, derramam-se em imagens, em textos e nas vozes humanas. É preciso ouvir e contar histórias, ouvir as histórias dos outros e ordenar as suas próprias. Observar narrativas dos mais velhos sobre suas vivências e ir formando repertório que contribua para a constituição de um acervo cambiante e enriquecido com poesia (GREGÓRIO FILHO, 2011, p. 97).

Referência

GREGÓRIO FILHO, Francisco. **Ler e contar – contar e ler.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

Digitalizado com CamScanner